

## NARRATIVAS DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR: reflexões sobre gênero, raça e classe

Gilmara Lisboa Santos\*

### Resumo

Neste artigo busco analisar as categorias de gênero, raça e classe nas narrativas das mulheres que exercem a prostituição no Centro Histórico de Salvador, bem como refletir sobre a ausência da raça na produção acadêmica sobre a prostituição. Ele é parte da pesquisa realizada para a minha dissertação de mestrado intitulada “*As mulheres negras e brancas no contexto da prostituição: reflexões sobre as relações étnico/raciais e de gênero no Centro Histórico de Salvador*”.

**Palavras-chave:** prostituição, gênero, raça, narrativas, mulheres negras.

### Abstract

In this article I seek to analyze the categories of gender, race and class in the narratives of women who practice prostitution in the Historic Center of Salvador, as well as reflect on the absence of race in the academic production focused on this theme. He is part of the research conducted for my master's dissertation entitled "Black and White Women in the Context of Prostitution: Reflections on Ethnic / Racial and Gender Relations in the Historic Center of Salvador."

**Keywords:** prostitution, gender, race, narratives, black women.

---

\* Assistente Social, Mestra e Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Gênero, Mulheres e Feminismos, (PPGNEIM/UFBA), professora do Curso de Serviço social da Faculdade Maurício de Nassau/Lauro de Freitas-BA.

*O fato é que, enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nessa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. (GONZALEZ, 1984, p. 225).*

## INTRODUÇÃO

Ao analisar as imagens produzidas no contexto colonial que retratavam mulheres negras como mãe preta, mulata, prostituta e doméstica, Lélia Gonzalez (1984) – feminista, intelectual e militante negra – em seu artigo *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* busca compreender os mecanismos que levam as mulheres negras à subjetivação destas imagens reescritas no discurso dominante, sobretudo, através do mito da “democracia racial”.

O confronto entre as teorias e as vivências que foram estruturando a sua experiência como mulher negra foi definidor para que Gonzales identificasse o limite da classe<sup>1</sup>, por exemplo, como categoria explicativa a toda e qualquer situação vivenciada por mulheres negras; para Gonzales “os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações” (Grifo meu). Dessa forma, para responder ao “porquê” mulheres negras se identificam/naturalizam imagens/estereótipos racistas, a autora opta pelas concepções sobre o inconsciente e a linguagem elaboradas pela psicanálise de Freud e Lacan justamente por entender que alguns elementos tratados por esta teoria abriam-lhe caminhos para construir um quadro explicativo que dialogasse com a sua experiência e com a sua própria narrativa, como ela enfatiza: “o lugar em que nos situamos determinará

*nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. ” (GONZALEZ, 1984, p. 227) (Grifo meu).*

Compartilhando do sentimento de inquietude de Gonzalez (1984) quanto à forma como as mulheres negras são tratadas em pesquisas acadêmicas, me senti impelida na realização de uma pesquisa sobre as mulheres negras na prostituição a qual culminou com a minha dissertação de mestrado defendida em 2015 e cujo foco era conhecer as narrativas das próprias mulheres sobre suas memórias enquanto mulheres negras exercendo a prostituição. Esta pesquisa foi realizada com as mulheres atendidas pelo Projeto Força Feminina<sup>2</sup> onde trabalhei como assistente social durante dois anos.

A ampliação de mulheres feministas na academia foi fundamental para o avanço da agenda feminista que buscava, dentre outros pontos, dar visibilidade à história, à presença das mulheres no cotidiano da vida social (RAGO, 1995). Este foi o pano de fundo para o início da produção historiográfica centralizada nas mulheres, que tem início no Brasil na década de 70. Na década de 80 serão lançadas duas importantes publicações<sup>3</sup> pioneiras na discussão sobre a prostituição como trabalho em fins do século XIX e início do século XX. São elas *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX* de Maria Odila Dias (1984) e *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar- Brasil 1890-1930* de Margareth Rago (1985). Em 1989 será lançado o livro *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro* de Magali Engel, que aborda o discurso médico sobre a prostituição no Rio de Janeiro entre 1840 e 1890; em 1991, Rago lança o *Prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo*, onde analisa os discursos jurídicos, médicos, literários e jornalísticos sobre a prostituição na São Paulo do século XX.

<sup>1</sup> É importante salientar que Gonzales não nega o lugar da classe na produção das experiências das mulheres negras. No artigo *Mulher Negra* (1984) a autora utiliza o método histórico-dialético para analisar a produção das desigualdades regionais aprofundadas pelo modelo de desenvolvimento econômico que vinha sendo implementado no Brasil agravando os indicadores sociais da população negra no geral e das mulheres negras em particular.

<sup>2</sup> Instituição situada no Centro Histórico de Salvador, de caráter pastoral, vinculada à Congregação das Oblatas do Santíssimo Redentor, que desde o ano 2000 realiza atendimento às mulheres que

se prostituem neste local. Desde o início do séc. XX, o Centro Histórico de Salvador tornou-se um local ideal para o comércio do sexo, em razão do intenso fluxo provocado pelo “comércio, os gabinetes médicos, os salões de beleza e outros serviços” (SANTOS, 2008, p. 126-130).

<sup>3</sup> Enquanto Dias (1984) tem como foco as estratégias de sobrevivência de mulheres brancas pobres e negras escravas, forras e livres, Rago (1985) focaliza a participação das mulheres na classe operária e as implicações do trabalho para as mulheres fora do ambiente doméstico.

Na década de 90, o avanço das discussões feministas sobre a categoria gênero e a elaboração do conceito de gênero de Scott (1990)<sup>4</sup> forneceram elementos para ampliar o debate, trazendo outros temas ligados à prostituição, tais como: a profissionalização (RODRIGUES, 2010); a militância (OLÍVAR, 2010); os sentidos de família e afetividade que permeiam os âmbitos doméstico e da prostituição (SZGANZELLA, 2011); a formação da memória discursiva sobre a prostituição (SCHLINDWEIN, 2009) dentre outros. Todavia, a construção social da raça como uma dimensão estruturante na prostituição, não é problematizada.

O levantamento bibliográfico que realizei nas bases digitais para a elaboração da pesquisa em 2014 apresentou os seguintes dados: na base de dados da SCIELO, cruzando as categorias “prostituição” e “relações raciais”, são disponibilizadas quarenta e quatro pesquisas e, dentre estas, quatro tratam do problema da pesquisa (MAYORGA, 2011; PEREIRA, 2005; PONTES, 2012; PISCITELLI, 2012). A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações me forneceu cento e dez trabalhos sobre “prostituição” e destes, somente três discutem mulheres negras e prostituição (PEREIRA, 2008; BECKER, 2007; SANTOS, 2008). No Google Acadêmico quarenta e oito trabalhos foram disponibilizados para “prostituição” e quatorze fazem o recorte racial (FIGUEIREDO, 2007; GROSSI, 2008; GIACOMINI, 2006; FONSECA, 1982; FILHO, 1996; AZEREDO, 1998; PESAVENTO, 2007; GOMES, 2009; DROPA, 2003; GOMES, 2011; SOIHET, 2000; BORGES, 2012; SILVA, 2006; SILVA, 2010).

Estes dados alertam para a constatação de Caldwell (2008):

[...] a ausência histórica de discussão pública sobre raça e racismo no país resultou no apagamento discursivo das realidades de dominação racial [...]: ao retratar as mulheres brasileiras em termos monolíticos, [...] reforça a imagem do Brasil como uma sociedade em que as diferenças raciais têm uma importância mínima. (CALDWELL, 2008, p. 96).

O papel desempenhado pela construção racial nos diversos aspectos da vida social é analisado por d’Adesky (2005) da seguinte maneira:

O homem comum, [...], continuará a tipificar e a classificar os indivíduos segundo suas características perceptíveis e, mais particularmente visíveis. A desconstrução científica da raça biológica, [...], não faz desaparecer a evidência da raça simbólica, da raça percebida e, invariavelmente, interpretada. Acima de tudo, o imaginário racista alimenta-se das semelhanças e das diferenças fenotípicas da cor da pele até diversas características morfológicas. (d’ADESKY, 2005, p. 46).

A cor da pele é um dado de hierarquização social e, como tal, produz elaborações diferenciadas para mulheres negras e brancas que se encontram na prostituição, pois, em se tratando das mulheres negras em particular, a produção da imagem colonial ‘*mulher negra prostituta*’ combinada com a classe, vai impactar na busca por espaços de trabalho conectada às subjetividades produzidas pelo discurso dominante, como analisa Crenshaw (2002):

[...] o peso combinado das estruturas de raça e das estruturas de gênero marginaliza as mulheres que estão na base. As discriminações racial e de gênero procuram por mulheres na intersecção e as compactam e impactam diretamente. Portanto, as mulheres negras são afetadas, de maneira específica, pela combinação destas duas formas diferentes de discriminação (CRENSHAW, 2002, p. 12-13).

Dessa forma, a prostituição pode se apresentar como uma possibilidade de trabalho, no rol das “possibilidades” que estão disponíveis às mulheres negras, segundo a construção das imagens produzidas pelo discurso colonial: doméstica, mulata, mãe preta e prostituta.

### Metodologia da Pesquisa

A história oral foi a técnica qualitativa utilizada para a coleta de dados. Através das técnicas de história oral, especificamente as histórias de vida – compondo uma biografia individual na sua relação com a estrutura social –, depoimentos orais e entrevistas em profundidade, assim como foram analisadas as interações e percepções do racismo nas trajetórias de vidas.

dar significado às relações de poder”. Este conceito vem sendo amplamente debatido em espaços de estudos feministas quanto ao limite em tratar das construções de raça.

<sup>4</sup> Scott conceitua o gênero como “...uma categoria de análise histórica... um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. É uma forma primária de

## Algumas narrativas

No cenário da prostituição da Praça da Sé, mesmo sendo maioria, as mulheres negras trazem em suas falas a vinculação da cor à prostituição como também, a diferenciação a que são submetidas:

*...as branca têm mais valor do que a gente negra. Tem muitas que chega num lugar que nem parece que é puta. Tem muitas que tem mais valor do que a gente, negra, porque chega em um lugar que nem parece que é puta, tem muitas que chega num lugar, sai daqui o nem parece que é puta, que é prostituta. Ela sai daqui num lugar com você, quem vai dizer que ela é prostituta, ninguém! Você, tudo pretinha, cabelo duro, ôi, você me deixe. Chega assim nas boate, sai as mulheres tudo brancona, assim, nem parece que é puta. No bar [...], aqui no beco, as puta entrava dentro do bar, mas às vezes ele (o dono do bar) empurrava as puta, ele batia, quando o bar tava cheio que as mulê ficava dentro do bar azuando, também, às vezes, abusando, ficava beba lá mesmo, bebia, ficava beba com os crientes quando, às vezes, ele queria bater, queria botar pra fora, 'umbora, sua puta, sai daqui, vai', assim mesmo, quer dizer, dava lucro a ele e ele ainda batia nas putas. As branca ficava lá, chegava ficava lá sentada, parecendo um bucado de baronesa. (Depoimento de Efigênia<sup>5</sup>).*

Diante disto na disputa pelo espaço de trabalho a aparência também é negociada e, neste sentido, a brancura é também identificada como uma ameaça, como narra Cássia:

*[...] nenhuma gosta de mim, por causa da minha cor, por causa da minha cor, nenhuma gosta de mim. Olha, o que eu não sofri com os homens, sofri com as mulheres. As mulheres me perseguiram. Nenhuma chega junto de mim, porque eu sou branca! (Depoimento de Cássia).*

Nas narrativas das mulheres observamos as representações e reproduções dominantes acerca do gênero e da raça moldando as suas lembranças “para que se ajustem às suas identidades e aspirações atuais” (THOMSON, 1997). A prostituição é vista como possibilidade de trabalho diante da ausência de educação formal.

*...eu achava que aquilo nunca ia acontecer comigo, né, que eu nunca ia me deitar com um home por dinheiro. Mas a precisão, vai fazer o que? Que não tem outra coisa pra eu fazer a não ser o sexo. Porque não tinha, antigamente não tinha outra coisa pra eu fazer, anarfabeta, sem saber ler, sem ter, antigamente você tinha que ter os grau, né? Piorou agora, num tinha, então tinha que o quê? Na prostituição mermo, pra sobreviver; não tinha apoio de ninguém, de pai, de mãe, de ninguém, então o caminho foi esse mermo (Depoimento de Ana).*

A cor da pele é diretamente vinculada às possibilidades de trabalho. Dessa forma, a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, o analfabetismo e a cor, impacta negativamente na construção da identidade:

*Ser negra pra mim não tem valor, antigamente influencia, porque não tinha trabalho, às vezes era a roça, num tinha trabalho, num sabia ler; ia pra casa de família trabalha, trabalhava hoje e amanhã já manda embora, como é que você, tinha que o que, vim fazer a vida mesmo. Antigamente eu não me via, entendeu, antigamente eu não me via, porque não tem valor mesmo, é anarfabeta, não tem um valor (Depoimento de Efigênia).*

As construções estereotipadas em torno da sexualidade de clientes negros, assim com a feiticização dos corpos das mulheres brancas por esses mesmos homens, também aparecem nas narrativas:

*Eu só tenho um cliente negro, um não, dois. Que é o senhor de idade e outro que é, tem o que minha idade, 46 anos, 49 por ai. Tenho dois clientes negros. Mas são gente boa, não me exploram! Mas se pegar um moreno, novo, ele quer gastar o gás dele todo em cima da branca aqui (risos). Quer botá a branca pra sofrer (risos). O homem negro gosta muito de explorar a mulê: 'Ah! Que eu sou negão, que você tem que aguentar o negão' [...] Assim gosta de explorar mesmo, machucar. (Depoimento de Cássia).*

## Considerações finais

Os espaços socialmente segregados e as construções negativas em torno da *mulher negra* apresentam a prostituição e/ou o emprego doméstico como “alternativas” de ganho financeiro. Esta situação permeada por um imaginário social que alimenta em seu bojo o racismo, o sexismo, a discriminação e a segregação racial parece ser uma constante no exercício da atividade ocupacional dessas mulheres.

A reificação dos corpos negros é uma realidade compartilhada através da história, da literatura, entre outras linguagens e expressões, e mesmo do senso comum. Na condição de escravos (as), passaram por um processo de desumanização, todavia, sempre que possível aproveitaram das brechas deixadas pelos sistemas opressivos. As pessoas negras na condição de escravos e escravas não possuíam os seus corpos.

Dentre as possibilidades de sobrevivência, a prostituição das mulheres negras tem sido um meio de manutenção das famílias negras. Todavia, a prostituição

<sup>5</sup> Os nomes foram alterados.

de mulheres negras não é explicada exclusivamente por conta da classe, as estruturas racistas historicamente produzidas, servem como pano de fundo, inclusive, para escolhas de espaços de trabalho, através do aprisionamento a imagens desumanizantes.

O silenciamento do impacto destas estruturas também na prostituição, contribui para a perpetuação das opressões, como também a invisibilidade da agência dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, Anpocs, p. 223-244, 1984.

PEREIRA, Cristina Schettini. **Que Tenhas Teu Corpo**: Uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas. Campinas: UNICAMP, 2002.

\_\_\_\_\_. Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX. **Cadernos Pagu**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 52, jul.-dez, 2005.

PINTO, Elisabete Aparecida. **Sexualidade na identidade da mulher negra a partir da Diáspora Africana**: o caso do Brasil. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Serviço Social e a questão étnico-racial: um estudo de sua relação com usuários negros**. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

\_\_\_\_\_. **Etnicidade, gênero e educação: a trajetória de vida de Dona Laudelina de Campos Mello (1904-1991)**. 1993, São Paulo. Dissertação de mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. ISABELLE, Cláudia. LISBOA, Gilmar. MENDES, Raquel de Oliveira. **Autorranativas e os impactos do racismo na saúde mental da população negra: uma reflexão**. 2014, no prelo

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Prazer e Sociabilidade no mundo da prostituição em São Paulo (1890-1930)**. Luso Brazilian Review, 1993.

\_\_\_\_\_. **Imagens da prostituição na Belle Epoque paulistana**. [online]. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50139](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50139)>.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez. 1995.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias. Projeto História, São Paulo, nº 15, 1997. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224>.